

PRODUÇÃO DE BIOJOIAS NO NORTE DO BRASIL: análise dos impactos institucionais, ambientais e de mercado em redes de sustentabilidade locais

BIO JEWELS PRODUCTION IN NORTH OF BRAZIL: analysis of institutional, environmental and market impacts in local sustainability networks

PRODUCCIÓN DE BIOJOIAS EN EL NORTE DEL BRASIL: análisis de los impactos institucionales, ambientales y de mercado en redes de sustentabilidad locales

José Rogério Lopes

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Professor Titular do PPG Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e Professor do PPG em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins – UFT.
jrlopes@unisinos.br

Anelise Fabiana Paiva Schierholt

Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
nise_paiva@yahoo.com.br

Recebido para avaliação em 23/06/2017; Aceito para publicação em 07/11/2017.

RESUMO

O artigo descreve referentes da investigação realizada com atores culturais associados da Cooperativa Açá, em Porto Velho-Rondônia, que produzem biojoias, ecojoias e artigos em tecido. A cooperativa se insere em uma rede de sustentabilidade ambiental, econômica e social que envolve artesãos, agricultores, coletores de sementes, fiadoras e costureiras, e passa por mudanças causadas por agenciamentos institucionais e a ação de forças modernizantes. O estudo objetiva analisar o modo como a relação desses atores promove uma ressignificação dos saberes comunitários locais em dois sentidos principais: (i) nos termos de uma possível transformação dos artefatos culturais produzidos, bem como das lógicas de distribuição e comercialização desses artefatos em um mercado de bens culturais contemporâneos; (ii) no âmbito das lógicas de organização desses atores, especialmente no que se refere à coletivização da produção e articulações político institucionais.

Palavras-chave: Biodiversidade; Biojoias; Sustentabilidade; Mercado Cultural.

ABSTRACT

This article describes the research carried out with cultural actors associated with the Açá Cooperative in Porto Velho-Rondônia, who produce bio jewels, eco jewels and articles in cotton cloth. The cooperative is part of an environmental, economic and social sustainability network that involves artisans, farmers, seed collectors, guarantors and seamstresses, and undergoes changes caused by institutional assemblies and the action of modernizing forces. The study aims to analyze how the relationship of these actors promotes a re-signification of local community knowledge in two main senses: (i) in terms of a possible transformation of the cultural artifacts produced, as well as of the logics of distribution and commercialization of these artifacts in a contemporary cultural goods market; (ii) in the ambit of the logics of organization of these actors, especially with regard to the collectivization of production and institutional political articulations.

Keywords: Biodiversity; Bio Jewels; Sustainability; Cultural Market.

RESUMEN

El artículo describe referentes de la investigación realizada con actores culturales asociados de la Cooperativa Açaí, en Porto Velho – Rondônia, que producen biojoias, ecojoias y artículos en tejido. La cooperativa se inserta en una red de sostenibilidad ambiental, económica y social que involucra artesanos, agricultores, recolectores de semillas, fiadoras y costureras, y pasa por cambios causados por agitación institucional y la acción de fuerzas modernizantes. El estudio tiene como objetivo analizar el modo en que la relación de estos actores promueve una resignificación de los saberes comunitarios locales en dos sentidos principales: (i) en términos de una posible transformación de los artefactos culturales producidos, así como de las lógicas de distribución y comercialización de estos artefactos en un mercado de bienes culturales contemporáneos; (ii) en el marco de las lógicas de organización de esos actores, especialmente en lo que se refiere a la colectivización de la producción y articulaciones políticas institucionales.

Palabras clave: Biodiversidad; Biojoias; Sostenibilidad; Mercado Cultural.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta alguns referentes da investigação realizada com associados da Cooperativa Açaí, em Porto Velho (RO), produtores de biojoias e ecojoias, buscando analisar como a inserção de suas produções em redes de sustentabilidade promove uma ressignificação dos saberes comunitários locais. A pesquisa aqui referida se insere no âmbito dos estudos realizados pelo LaPCAB – Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais no Brasil¹, que considerou o crescimento e a diversificação das práticas e arranjos culturais locais que comunidades, coletividades e grupos efetivam em torno das demandas por políticas culturais e ambientais no Brasil. Também, objetivou investigar as trajetórias e práticas de coletividades e comunidades de atores produtores de bens identitários, ou de marcação social (artesãos, extrativistas, pescadores, entre outros) que se reconhecem em um contexto ambiental determinado e que utilizam, nas suas atividades, tecnologias patrimoniais que integram as percepções locais de cultura e ambiente.

Dos 14 estudos de casos que realizamos no projeto, em diferentes regiões do país, destacamos o alcance de três questões epistêmicas elaboradas, a saber: a relação entre biodiversidade e diversidade cultural, a disjunção entre a sociedade instituída e as tecnologias patrimoniais, a passagem da concepção de cultura como recurso para a concepção de cultura como marca registrada.

Desde tais questões, identificamos nos casos estudados alguns perspectivismos locais que permitiram elaborar uma análise geral e comparativa dos mesmos (LOPES;

¹ Trata-se de projeto realizado entre 2014 e 2017, com financiamento da FAPERGS. Ver página do Laboratório em www.facebook.com/lapcab.

MEIRELLES, 2017). Esta análise (temática) foi elaborada sobre os referentes descritivos utilizados nos relatórios dos pesquisadores, utilizando o software NVivo, e chegamos a quatro descritores: cultura, tradição, comunidade e inovação. Esses termos foram complementados por mais dois, em uma segunda análise temática (identidade e matéria-prima), resultando em um quadro temático-analítico que evidenciou as correspondências operadas entre os mesmos, pelas comunidades.

Desta análise, recortamos três perspectivismos, configurados entre comunidades e coletividades produtoras de biojoias:

- a) os projetos dessas comunidades e coletividades passam por processos de reflexividade variados, segundo sejam afetados mais ou menos intensamente pela normatividade cultural (HALL, 1997)² que os condiciona, seja ela advinda das interações das comunidades com o mercado ou com as políticas públicas. Nesse sentido, torna-se importante reconhecer o alcance desses condicionamentos normativos nas agências coletivas reconhecidas nos projetos dessas comunidades. Sobretudo, cabe identificar o impacto das forças modernizantes de agenciamentos exógenos sobre a experiência sensível de interações entre as comunidades e seus contextos ambientais, na qual os artefatos ganham forma cultural;
- b) os modelos ou padrões de inovação operantes e reconhecidos nas práticas produtivas, nos bens ou artefatos produzidos e nas trajetórias das comunidades pesquisadas podem ser caracterizados como inovação normativa ou inovação conceitual: a primeira opera por padrões reguladores, nos quais a inovação é condicionada a processos de qualificação, registro ou certificação – mercantis ou institucionais – que afetam os bens e artefatos produzidos; a segunda opera pelas mudanças de representação de valor que são projetadas pelos bens e artefatos, nos circuitos produtivos e de consumo em que eles circulam;
- c) as lógicas de Gestão dos projetos dessas comunidades seguem a perspectiva de gestão relacional de si (BAJOIT, 2006) e, nos casos em que tais projetos são inscritos em processos de patrimonialização cultural, geralmente se produz uma lógica equivalencial (LACLAU, 2006) entre demandas públicas, a qual desperta reflexividades em torno do

² Hall (1997) elenca três formas de regulação através da cultura: a normativa; os sistemas classificatórios e a regulação através da geração de “novos sujeitos”, decorrente da produção de novas subjetividades. Como propõe Hall, a regulação normativa atribui valores e significados de uma cultura compartilhados por um todo social às ações individuais, sendo assim, essencial para o ordenamento, inteligibilidade e funcionamento dos sistemas culturais. Entretanto, as “fronteiras da regulação cultural e normativa são um instrumento [...] poderoso para definir ‘quem pertence’ [...] e quem é um ‘outro’, diferente, fora dos limites discursivos e normativos de nosso modo particular de fazer as coisas” (HALL, 1997, p. 19). Logo, esse conjunto de regulações acaba por categorizar os bem-sucedidos pelo uso “adequado” da norma, condenando os demais ao insucesso. Outro tipo de regulação são os sistemas classificatórios, os quais instituem dicotomias de enquadramento para as condutas e práticas humanas, como por exemplo, a proposição da norma padrão *versus* a sua variação. Nesse sentido, ver o artigo de Nery (2014).

cuidado de si, nos atores, em correspondência com o cuidado do ambiente (ou cuidado do mundo).

Desde essas possibilidades, recortamos como objeto da presente elaboração o perspectivismo a), considerando que tais processos de reflexividade das comunidades e coletividades produtoras de biojoias condicionam os modelos ou padrões de inovação, assim como as lógicas e procedimentos de gestão relacional (cuidado de si e do ambiente), instituindo-se como regime de valor.

As biojoias são regularmente definidas como artefatos produzidos artesanalmente por comunidades étnicas ou tradicionais, através de arranjos culturais de matérias-primas vegetais, oriundas dos biomas de origem das mesmas.

Em sua origem, esses artefatos guardavam uma regular associação com usos cerimoniais (como colares e braceletes, em arranjos mais raros e sofisticados, entre os Tukano do Amazonas, ou os Krahó de Tocantins, entre outros), para atribuição hierárquica (como os colares de sementes, entre os Cinta Larga), com a demarcação de ritos de passagem (como os brincos de madeira, entre os Xavante), com a produção de utensílios (como o capim dourado entre os Xerente) ou de ornamentos pessoais, para uso cotidiano. Ocorre que, desde o avanço das relações dessas comunidades com a sociedade ocidental, muitos desses artefatos foram apropriados em novos arranjos culturais, passando a integrar um conjunto amplo de bens identitários, patrimoniais, de souvenirs turísticos e, mais recentemente, de produtos para os mercados culturais.

No caso da Cooperativa Açáí, os sujeitos pesquisados são artesãos e artesãs de biojoias, ecojoias e artigos em algodão como bolsas e bonecos. Os artefatos culturais produzidos pelos cooperados apresentam em sua composição hibridismos de sementes e fibras naturais da região amazônica, fios e tiras produzidos com algodão agroecológico da Rede Justa Trama, e se inserem em uma rede local de sustentabilidade ambiental, econômica e social que envolve artesãos, agricultores, coletores de sementes, fiadoras, tecedores e costureiras.

Aqui, descrevemos a trajetória da Cooperativa Açáí e os agenciamentos³ que seus atores operam desde uma situação marginal de produção cultural, e analisamos o modo

³ Desde a noção de agenciamento esboçada por Yúdice (2006), trata-se de identificar atores que agenciam recursos identitários recuperados de uma “reserva disponível” nas trajetórias comuns de suas formações culturais, em diálogo com modelos culturais (no caso, institucionais e estatais) predominantes na sociedade globalizada. Esse predomínio se expressa na configuração de um campo de forças performativas a condicionar a ação dos atores que, por vezes, imprimem uma dinâmica de operar agenciamentos nos intervalos daqueles modelos.

como a relação desses atores, vinculados às lógicas de ação colaborativa em redes, promovem uma ressignificação dos saberes comunitários locais.

O CONTEXTO, OS ATORES E O HISTÓRICO DO PROJETO

Os sujeitos com quem pesquisamos são mulheres e homens, artesãos de biojoias, ecojoias e produtos em tecido como bolsas e bonecos. Para a produção de biojoias e ecojoias são aproveitadas sementes e fibras originárias do bioma amazônico e para a confecção de bonecas utilizam tecidos produzidos com algodão agroecológico da Rede Justa Trama. Os artesãos estão organizados através da Cooperativa Açai, nome comercial do empreendimento chamado originalmente Cooperativa de Trabalho dos Artesãos de Rondônia; nome que foi substituído pelo atual, Cooperativa de Produção e Comercialização de Artesanato de Rondônia.

A Cooperativa foi fundada em 7 de janeiro de 2003 e é composta por 22 associados, todos moradores locais que migraram dos estados de Maranhão, Amazonas, Acre e São Paulo, incluindo indígenas pertencentes a uma etnia localizada no “caminho de Manaus”. Faz parte da cadeia Justa Trama, do Fórum de Economia Solidária e da UNISOL Brasil.

A origem do nome, Açai, se deu através de parceria firmada com o SEBRAE, que possibilitou cursos de capacitação, no mesmo ano da fundação da Cooperativa. No contexto desses cursos, relatou Antônia (artesã e ex-presidente da cooperativa), a entidade solicitou a escolha de um nome para o empreendimento das cooperadas. Assim ela explica: “como nós trabalhamos com sementes, eu achei interessante o nome Açai⁴ e fui uma das que optei pela semente Açai porque aqui a gente tem muito Açai, tem polpa e o suco da fruta, e mesmo a lenda dela, do Açai, que é uma história muito bonita”.

A sede da Cooperativa Açai está localizada à Rua Henrique Dias, próximo ao Mercado Municipal e defronte ao Sindicato dos Produtores Rurais, no centro da cidade de Porto Velho, em um espaço cedido pelo Governo Estadual por regime de comodato, por até vinte anos. Trata-se de um galpão dividido em pequenas lojas, uma das quais é ocupada pela Cooperativa, tendo à entrada uma faixa de identificação, acima da porta. Recentemente, o local passou por reformas no piso e na pintura. Nesse espaço funciona a loja da Cooperativa, onde são comercializados os artefatos culturais produzidos pelos

⁴ Açai (*Enterpe oleracea*) é uma palmeira que produz um fruto bacáceo de cor roxa muito utilizado na confecção de refrescos. O açai é cultivado na Região Amazônica (detentora de 85% da produção mundial), mas também em diversos estados brasileiros, desde os anos 1990.

| José Rogério Lopes | Anelise Fabiana Paiva Schierholt |

cooperados, além de produtos regionais e indígenas, em regime de consignação. Os artefatos indígenas são trazidos por mulheres vindas do “caminho de Manaus”, referência usada pela atendente da loja ao explicar de onde vinham essas mulheres. Segundo ela, “estes povos habitam em algum lugar localizado no trecho do rio Madeira, entre Porto Velho e Manaus”. A negociação se deu no regime de consignação com um acordo de data para os mesmos passarem na loja e receberem o pagamento ou, no caso de não vender nenhum dos artefatos, poder recolhê-los. Esta prática é recorrente devido ao fato de essas pessoas irem raras vezes para a cidade e ficarem poucos dias.

Junto à loja está instalado um pequeno ateliê para confecção de bonecos de pano para a Rede Justa Trama. Este ateliê é constituído por uma bancada de tábua que corre paralela à parede lateral esquerda da loja e é composto por um balcão, duas máquinas de costura modelo “doméstico” e uma máquina de overloque. Segundo Cristina (artesã), a cooperativa tem tido muitas dificuldades em manter a loja aberta e a instalação do ateliê junto à loja deverá contribuir para isso, além de “proporcionar aos visitantes observar como são produzidos os bonecos”.

O trabalho artesanal com sementes iniciou a partir de um curso de capacitação ministrado pelo Programa Brasileiro de Artesanato, em parceria com o SEBRAE. As artesãs Antônia e Cristina relataram que já faziam diversos tipos de artesanatos na época, mas que passaram a utilizar sementes em suas peças após a participação nos cursos do SEBRAE. Atualmente, a Cooperativa passa por dificuldades em relação às biojoias. Segundo a artesã Dalvani, as biojoias da Cooperativa Açaí não têm mais o destaque que tinham anos atrás, período em que “olhava para uma Jarina⁵ e não dizia que não era uma pedra preciosa”. Relata que, apesar de as peças serem de excelente qualidade, a Cooperativa não estava preparada para o mercado, o que ocasionou uma desmotivação dos cooperados. Segundo a artesã, “o mercado exigia uma demanda que a Cooperativa não conseguia responder”.

Na loja, são encontrados somente acessórios do estilo ecojoia e a procura por essas peças tem sido pequena. A artesã explica ainda as diferenças entre biojoia e ecojoia: “A primeira é apontada como uma peça confeccionada com sementes, fios e fibras,

⁵ “Jarina, tagua ou marfim-vegetal, assim chamada porque suas sementes, de cor clara, são frequentemente utilizadas como substituto do marfim”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Phytelephas_aequatorialis>. Acesso em: 01 abr. 2016. Sobre a produção e comercialização de biojoias com Jarina, ver as matérias publicadas no Portal Globo.com e no Jornal Beira do Rio, da Universidade Federal do Pará. Disponíveis em: <<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2013/10/marfim-da-amazonia-semente-de-jarina-e-usada-em-aliancas-no-acre.html>> e <<http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2009/7-edicao-68/80-industria-da-jarina-precisa-de-incentivo>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

|José Rogério Lopes | Anelise Fabiana Paiva Schierholt|

acrescentando a ela prata e ouro. A segunda são peças que não contêm esses metais”⁶. Atualmente, a Justa Trama é quem abre o mercado aos produtos da Cooperativa Açaí.

A relação da Cooperativa com a Justa Trama tem cumprido uma função importante na abertura de mercado nacional e internacional para os produtos da Açaí. Sua filiação ao empreendimento se deu no mesmo ano de fundação da Cooperativa e está baseada em valores da economia solidária. A Justa Trama é uma Cadeia Ecológica de Algodão Solidário com sede em Porto Alegre – RS, configurada como um segmento de várias cooperativas distribuídas em seis estados do país, que trabalham com o plantio, tingimento, fiação e produção de tecidos a partir do algodão agroecológico. São homens e mulheres, agricultores, coletores de sementes, fiadoras, tecedores e costureiras⁷. A parceria promoveu, através da elaboração de projetos, o fornecimento de maquinário para o ateliê de bonecos e um transformador de energia no valor de R\$25.000,00 para um empreendimento novo da Cooperativa, chamado de Polo. Antônia relatou que a cada final de ano a rede faz um balancete e distribui o valor que sobra de forma igualitária entre os empreendimentos ligados à rede, e afirma que, em 2015, esses recursos somaram pouco mais de R\$4.000,00, utilizados para reforma da loja. Os tecidos utilizados na confecção dos bonecos provêm da Justa Trama e sua produção é de exclusividade da Cooperativa Açaí, junto com o fornecimento de botões para as peças de vestuário e acessórios femininos.

⁶ As crescentes tipificações e classificações dos artefatos culturais produzidos no país foram analisadas por Nery (2014). A autora considera que a elaboração desses sistemas classificatórios por instâncias governamentais e agências institucionais normativas decorre do lugar de disputas e tensões que o artesanato assume contemporaneamente, frente à arte e ao mercado.

⁷ Fonte: <<http://www.justatrama.com.br/menu/quem-somos>>. Acesso em: 26 mar. 2017.



Figura 1 – Fotos da parte interna da loja (Fonte: arquivo dos autores).

Na loja são comercializados artefatos em madeira, colares, brincos, pulseiras, braceletes, anéis, palitos de cabelo, cestos, cestinhos com bonequinhas “lavadeira”, utensílios de barro e madeira, ímãs de geladeira, filtros dos sonhos, souvenirs, chapéus, bonecos de pano, camisetas, saias, regatas, camisas gola polo, vestidos, calças, bonés, chocalhos, artesanato em tecido, arranjos de flores artificiais, miniaturas em coco. Segundo as artesãs, a vinda de turistas à loja é baixa, afirmando que quando existiam as cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, nos arredores da cidade, a procura era muito boa. Também se referem ao horário de atendimento da loja, das 7h30min às 15h, de segunda à sexta, como um empecilho à melhoria das vendas. Entre os produtos mais procurados na loja estão os artefatos indígenas, segundo as mesmas.

Outras formas de venda das ecojoias e biojoias são feitas sob encomenda direta aos cooperados, como o exemplo de artesãos que venderam seus produtos para EUA, Canadá, Espanha e Portugal. A Cooperativa vende nas feiras, em diversos lugares do Brasil e, principalmente, através da Justa Trama. Os preços são diferenciados entre os cooperados e, no caso dos produtos para a Justa Trama, todos os materiais utilizados são listados em uma planilha pela Cooperativa que está produzindo; após esta etapa, as cooperativas filiadas participam de uma reunião com os outros componentes da Justa Trama para verificar se o produto e respectivo preço respondem ao mercado. Esse debate se torna necessário, segundo as artesãs, devido aos diversos fatores de produção que perpassam os processos

|José Rogério Lopes | Anelise Fabiana Paiva Schierholt|

realizados, desde o plantio, até a venda nas feiras e lojas. Para a artesã Dalvani, “esse produto tem o valor agregado de quem planta o algodão, de quem faz a fiação, coleta e beneficia as sementes, de quem cria e produz as peças e por isso o preço deve ser diferenciado”⁸.

Na situação atual da cooperativa, cada cooperado é responsável por adquirir suas sementes e beneficiá-las, ou comprá-las já beneficiadas de outros cooperados ou não cooperados. Nos casos em que o cooperado tem o maquinário necessário para executar mais etapas na produção das peças e, com isso, vendê-las por um preço mais barato que aquele que compra as sementes já beneficiadas de terceiros, a competitividade entre cooperados é prejudicada. Dalvani ressalta ainda que esse tipo de competitividade coloca alguns artesãos em situação difícil porque na maioria das vezes seu custo de produção é maior. Estas condições deverão ser equalizadas quando o Polo⁹ estiver pronto. Com todos os equipamentos necessários para o beneficiamento das sementes, a produção deverá aumentar e proporcionar maior concorrência nos preços. Com o início dos trabalhos no Polo, segundo Antônia, “o cooperado ganhará tanto através dos produtos quanto das sementes, pois será possível, além de receber pela venda de biojoias e ecojoias já prontas, receber também através da comercialização de sementes beneficiadas”. No entanto, o trabalho coletivo no Polo é citado como uma “quebra de paradigma” para o artesão que está habituado a trabalhar individualmente, onde “ele é ele”. No Polo, cada peça criada por um artesão, quando aceita pelo mercado, não será mais um produto do artesão e sim da Cooperativa, e sua produção será feita coletivamente.

Nos processos de beneficiamento das sementes e montagem de biojoias e ecojoias são utilizados equipamentos como a morsa, na qual é feito o processo de marchetaria e também para prender peças que serão serradas, um esmeril adaptado para o uso de diversas lixas (Arlete distingue 12 granas diferentes), furadeira, mandril, serra e a rola utilizada para o polimento final das sementes. Cada cooperado executa algumas ou todas as etapas citadas acima. Algumas sementes são mais caras, como a Jarina (*Phytelephas aequatorialis*), porque esta vem do Acre, e o coco, porque seu manejo é mais difícil e demorado para atingir o resultado desejado. Este é usado na fabricação dos botões para a Justa Trama e somente um cooperado é quem os produz, atualmente. No Polo serão feitos os processos de

⁸ O processo de precificação dos artefatos culturais é definido segundo princípios que buscam garantir isonomia entre os atores da Rede e um preço justo. Todavia, essa precificação inibe os atores de considerar outros valores inscritos na delimitação dos artefatos, segundo as lógicas locais de comercialização, como veremos adiante.

⁹ O Polo é um espaço que está sendo construído nos arredores de Porto Velho, em uma área de proteção ambiental, onde será realizado todo o processo de beneficiamento de sementes que, devido às condições insalubres como poeira e barulho, não pode ser realizado no local da loja da cooperativa.

|José Rogério Lopes | Anelise Fabiana Paiva Schierholt|

beneficiamento como limpeza, corte, as diversas etapas de lixamento e polimento, tingimento, marchetaria e também uma pequena ourivesaria. O local também será utilizado para aplicação de cursos na área de beneficiamento, marchetaria e ourivesaria, visando a renovação de técnicas através de novos artesãos e a manutenção de saberes adquiridos. A montagem das peças, em princípio, será feita na loja da cooperativa.

No início da pesquisa¹⁰, os artesãos estavam trabalhando na criação de peças para a nova coleção que foi lançada em junho de 2016. Com *design* diferenciado, tanto da ecojoia quanto da biojoia, as peças propostas apresentavam uma composição de sementes, fios e tiras de algodão agroecológico e foram apresentadas na reunião da Justa Trama que aconteceu no mês de março de 2016. Para as cooperadas, a nova coleção deveria refletir “a identidade da Açaí, ter os traços da Açaí”, “tem que ser a nossa cara, porque é isso que nós somos”, indicando a complexa rede de identidades na qual estas peças estão investidas.

PARCERIAS E MEDIAÇÕES INSTITUCIONAIS

O local onde está sendo construído o Polo foi comprado com financiamento do CONOSUD¹¹ e a obra está em fase de conclusão. O local escolhido está localizado junto ao Parque Natural Municipal de Porto Velho, também conhecido como Parque Ecológico. Localizado a 15 km do centro da cidade, contém floresta e é rico em palmeiras como babaçu e tucumã. A opção por esse local, segundo as artesãs, foi para que proporcionasse um “contato real com o que tu tá produzindo”, no sentido de não se distanciar dos propósitos norteadores da Cooperativa Açaí e firmar compromisso com eles. Todos os equipamentos que serão utilizados no Polo foram doados pela Fundação Banco do Brasil (FBB).

As parcerias firmadas pela Cooperativa Açaí explicitam as áreas e instâncias de interlocução pelas quais ela se movimenta: o SEBRAE, que foi por onde “tudo começou”, hoje presta assessoria e consultoria quando lhe for solicitado; a EMBRAPA, a EMATER, o Sindicato da Agricultura Familiar e da Economia Solidária constituíram-se em parcerias indiretas, uma vez que estão ligados a comunidades ribeirinhas e extrativistas com as quais a Cooperativa interage (essas entidades elaboram mapeamentos de sementes e indicam qual

¹⁰ Na primeira fase da pesquisa, a pesquisadora do LaPCAB Fanny Longa Romero esteve em Porto Velho, em setembro de 2013. Na segunda fase, outra pesquisadora realizou incursões entre os artesãos da Cooperativa, entre novembro de 2015 e março de 2017. Nesse intervalo, as movimentações dos artesãos e da Cooperativa foram acompanhadas pela internet e por contatos virtuais.

¹¹ Trata-se de financiamento da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários, da Espanha, em parceria com a UNISOL. Disponível em: <<http://www.unisolbrasil.org.br/cooperativa-acai-comemora-10-anos-em-grande-estilo/>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

|José Rogério Lopes | Anelise Fabiana Paiva Schierholt|

comunidade tem melhores condições de fornecer cada semente); a UNIR (Fundação Universidade Federal de Rondônia) tornou-se parceira através de projetos que desenvolveram técnicas de tingimento natural dos artefatos produzidos; a UNISOL Brasil e a CONOSUD (Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários) e a Justa Trama proveram o financiamento para o Polo; a SEJUS (Secretaria de Estado da Justiça de Rondônia) tornou-se parceira no projeto de fabricação de bonecas, no presídio feminino de Porto Velho¹²; a Fundação Banco do Brasil financiou os equipamentos necessários para o beneficiamento de sementes.

Antônia explicou que algumas parcerias não são boas para a Cooperativa porque “não dão sustentabilidade ao artesão”, sendo o trabalho no presídio um exemplo em que foram doados todos os materiais necessários e instrutores e não tiveram contrapartida. Um exemplo que está dando certo, citado por ela, é a parceria da Justa Trama e da Petrobrás, na confecção de bonecas, que já está em seu terceiro ano de duração. Antônia destaca também, e com orgulho, o Prêmio Mulher Empreendedora do Sebrae, em que ficaram em segundo lugar, e a Feira em Ji-Paraná, onde também foram premiadas. Para a artesã, esses prêmios representam o reconhecimento e a importância do trabalho que realizam na cooperativa. Em relação aos apoios do estado e município ao artesanato, relata muitas dificuldades e cita a conquista de uma Carteira do Artesão como fruto de “muita luta”, devido às constantes investidas necessárias para consegui-la.

A cooperativa é detentora da marca Açaí, desenvolvida há cinco anos pelo Cetene - Centro Tecnológico do SEBRAE, juntamente com o *logo*, a *tag* e a *starling* relacionadas à mesma. No entanto, a marca está em processo de reativação, pois ficaram muito tempo sem usá-la. A artesã Cristina enfatizou a importância da marca: “a marca é referência de um bom trabalho, ela fala por si só”. Para Dalvani, a marca nas peças será essencial para melhorar as vendas; em sua opinião, “muitas vezes o comprador valoriza o produto pela sua história, de onde ele vem, o que que ele faz”¹³.

IMPACTOS AMBIENTAIS E RELAÇÕES DE SUSTENTABILIDADE DO PROJETO

¹² Segundo a matéria do sítio da Unisol (nota 11), a Cooperativa Açaí utiliza o trabalho de 40 detentas. Este trabalho é coordenado por um cooperado.

¹³ A utilização de marcas registradas no INPI-Instituto Nacional de Propriedade Industrial, tem se tornado uma estratégia regular entre coletividades de produtores de artefatos culturais, no país. Entretanto, a maioria das Associações e Coletividades que pesquisamos desconhece os critérios de registro de uma marca, uma vez que essa estratégia tem sido estimulada por atores institucionais que buscam regular procedimentos de mercado, sem tornar inteligíveis as implicações desse registro para os atores produtores. Nesse sentido, ver o estudo de Peralta (2016).

As sementes utilizadas pela cooperativa eram coletadas em sítios dos próprios cooperados, nos arredores de Porto Velho, ou nas comunidades ribeirinhas que existiam próximas da cidade, mas hoje eles contam com a coleta realizada por ribeirinhos e extrativistas de comunidades distantes, ou, como no caso do Açaí, utilizando-se as sementes após o consumo da fruta. Segundo relatos coletados em entrevistas e conversas informais, foi possível identificar que as comunidades ribeirinhas, ao contrário do que desejam os associados da cooperativa, se encontram distantes territorial e relacionalmente do projeto inicial da cooperativa, no qual se estabeleceriam laços sociais e comerciais permanentes com essas comunidades. Esse distanciamento aconteceu devido a dois eventos principais: a) a construção da hidrelétrica Santo Antônio¹⁴, que alagou uma grande extensão de área habitada e forçou as comunidades ribeirinhas a deslocamentos, distanciando-os de sua principal fonte de alimento e renda, o rio Madeira; b) uma “enchente histórica” ocorrida no ano de 2014¹⁵, que também provocou deslocamentos de moradores ribeirinhos, dos quais alguns ainda não voltaram para suas casas.

Apesar do impacto desses eventos, os povoados ribeirinhos e extrativistas da região ainda constituem elos importantes das redes locais desses artesãos e são considerados, pelos mesmos, parte dos “povos da Amazônia”, reconhecidos como comunidades tradicionais¹⁶, e sua sustentabilidade está inserida entre as pautas principais da Cooperativa Açaí. Isso ocorre devido a um processo de reflexividade operante entre os associados da cooperativa, durante e após tais eventos. Seguindo Beck (1997), pode-se afirmar que o impacto dessas forças modernizantes gera uma modernização adicional (percebida nos riscos que a modernização normal gera) e impõe novos contratos sociais entre os atores envolvidos¹⁷. Assim, a modernização reflexiva que se impôs aos atores da cooperativa se

¹⁴ A Usina iniciou suas atividades em 2012, e completou seu funcionamento em 2017. Ver: <<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2017/01/usina-hidreletrica-santo-antonio-em-porto-velho-ro-e-concluida>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

¹⁵ Sobre a enchente histórica, ver a matéria publicada no Portal Globo.com. Disponível em <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/03/maior-cheia-do-rio-madeira-completa-um-mes-e-rio-continua-subir-em-ro.html>>. Acesso em: 10 set. 2016.

¹⁶ Os povos e comunidades tradicionais são definidos como: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Por sua vez, territórios tradicionais são entendidos como: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 3 abr. 2016.

¹⁷ Segundo Beck (1997, p. 14), o desenvolvimento da modernização normal, ou convencional, fez oscilar “a equação tácita entre latência e imanência na mudança social”, gerando um nova sociedade, que emerge da “radicalização da modernidade”, rompendo silenciosamente as linhas limítrofes entre oposições estabelecidas na modernidade normal, e instalando gradativamente uma nova modernidade, constituída da combinação

refere à autoconfrontação das bases da modernização com suas consequências, ou os efeitos da sociedade de risco.

A compreensão de que o conhecimento do ribeirinho “seja transformado em geração de renda, porque é um conhecimento que mantém o planeta”, como enfatizaram alguns cooperados, expressa assim a importância da sustentabilidade ambiental, em interação com as relações econômica e social em transformação, nessas comunidades. Neste sentido, Dalvani ressaltou: “este produto sustenta toda uma rede, que sustenta quase oitocentas famílias” e, por isso, “minha boneca não pode ser comparada com a da China, por exemplo”. A artesã também citou exemplos em que “os saberes dos povos da Amazônia são roubados e que não podem mais serem usados porque foram patenteados, como o caso da Copaíba” (*Copaifera sp*)¹⁸.

Além das dificuldades e obstáculos colocados aos artesãos da Cooperativa, pela apropriação mercantil de matérias-primas da biodiversidade amazônica, operada por agências internacionais, as artesãs destacaram também o esgotamento de algumas espécies endógenas e a inserção comercial de espécies exógenas ao bioma local.

Com relação ao esgotamento das sementes utilizadas na produção de biojoias e ecojoias, as palmeiras como o tucumã e o babaçu apresentam maior risco, devido ao plantio da soja e a criação de gado que se disseminam na região. Já a inserção de espécies exógenas refere-se basicamente ao crescente uso da jarina. As sementes de jarina utilizadas por alguns cooperados na produção de peças são compradas de Marta. Marta é originária de Minas Gerais, artesã e comerciante de sementes, reside em Porto Velho há dez anos e tem uma loja em espaço alugado no Mercado Municipal, desde 2011, bem perto da Cooperativa Açai. A jarina que Marta comercializa e utiliza nas suas peças vem de Plácido de Castro, cidade do Acre na divisa com a Bolívia¹⁹.

entre o desejado e o familiar provenientes de lutas sociais em todos os níveis e difíceis de delimitar, mas que se engendram na “dinamização do desenvolvimento”, ou no “dinamismo do conflito da sociedade de risco”.

¹⁸ “A copaíba (*Copaifera sp*) fornece o bálsamo ou óleo de copaíba, um líquido transparente e terapêutico, que é a seiva extraída mediante a aplicação de furos no tronco da árvore até atingir o cerne. O óleo da copaíba é um líquido transparente, viscoso e fluido, de sabor amargo com uma cor entre amarelo até marrom claro dourado. O uso mais comum é o medicinal, sendo empregado como anti-inflamatório e anticancerígeno. Pelas propriedades químicas e medicinais, o óleo de copaíba é bastante procurado nos mercados regional, nacional e internacional”. Disponível em: <<http://www.amazonlink.org/biopirataria/copaiba.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

¹⁹ Marta relatou que é obrigatória a retirada da nota fiscal porque a compra de jarina não beneficiada é proibida. Ela consegue comprar pelo fato de ser pessoa jurídica: “Eu sô pessoa jurídica né, para comprar, se você tira nota, paga o imposto tudo direitinho, aí pode vir”. A quantidade comprada normalmente são dez sacos, do tipo “saca de açúcar” e paga R\$ 400,00 cada saco. As encomendas são enviadas de Rio Branco para Porto Velho através da empresa de ônibus EUCATUR. A relação de Marta com os cooperados da Açai é destacada por ela como uma parceria: “quando eles precisam, me encomendam”.

|José Rogério Lopes | Anelise Fabiana Paiva Schierholt|

Por ser uma espécie menos abundante e originária do Acre, a jarina também é referida pelos artesãos como uma semente em situação de risco, porém, sua inserção no bioma local é justificada e estimulada pelos mesmos, devido ao valor que agrega aos artefatos culturais produzidos, segundo Geovani (artesão): “É considerada o marfim brasileiro porque ela é muito dura, é bonita, sai uns trabalhos muito bonito, só que não é nosso”.

O constante contato que a Cooperativa mantém com instituições como a EMBRAPA, a EMATER e Sindicatos da Agricultura Familiar e Economia Solidária também possibilitou outras alternativas de acesso à matéria-prima, uma vez que elas fornecem dados sobre o monitoramento de sementes nos estados do norte do país. Esse conhecimento permite que os artesãos estabeleçam parcerias sazonais no fornecimento das sementes, quando sua coleta se torna prejudicada na região próxima a Porto Velho. Esse é o caso da parceria recém-promovida por Farias, um ex-associado da Cooperativa, que estendeu a rede de coleta de sementes para o Distrito de São Carlos²⁰. Porém, como o deslocamento até o distrito é feito por barco, ou por uma “estrada muito ruim” que ele percorre de moto, como afirmou, “para conseguir entrar em contato com comunidades que trabalham com sementes, seriam necessários três dias: um dia pra chegar até lá, um pra ficar lá e outro dia para voltar”.

Todavia, na opinião de Dalvani, apesar dos esforços empreendidos pela Cooperativa e suas parceiras, o mercado não está preparado para esse tipo de produto e deveria haver mais educação para o seu consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As descrições anteriores buscaram evidenciar que a trajetória da Cooperativa Açáí, desde sua origem, foi marcada por agenciamentos institucionais e a ação de forças modernizantes que condicionaram e promoveram uma ressignificação dos saberes comunitários locais, em dois sentidos principais: (i) nos termos de uma possível transformação dos artefatos culturais produzidos, bem como das lógicas de distribuição e comercialização desses artefatos, num mercado de bens culturais contemporâneos; (ii) no âmbito das lógicas de organização desses atores, especialmente no que se refere à coletivização da produção e articulações político-institucionais.

²⁰ São Carlos está localizado a cerca de 100 km do centro de Porto Velho, tem uma população de pouco mais de 2.000 habitantes, distribuídos em 539,3 km².

|José Rogério Lopes | Anelise Fabiana Paiva Schierholt|

E embora estejam influenciados pelas forças modernizantes que se difundem na região, e seus impactos nos modelos de interação tradicionais que esses artesãos estabeleciam com outros atores das redes locais, os referentes descritos permitem compreender que os artesãos produzem arranjos diversos na trajetória da cooperativa, orientados para a definição de uma identidade em constante gestão relacional. Trata-se, segundo Bajoit (2006, p. 235), da perspectiva de que os indivíduos se constroem como atores, estabelecendo compromissos identitários: “uma certa ideia daquilo que é e do que queria vir a ser e daquilo que acredita dever fazer para isso”. Através desses compromissos, entram em relações sociais e participam de permutas e lógicas de ação. Esses compromissos operam por reduções das tensões sociais vividas, de forma a viver melhor com elas, assim como permitem traduzir “a identidade comprometida em lógicas de ação sobre os outros” (BAJOIT, 2006, p. 236). Esse é o sentido das interações destacadas pelos artesãos com as comunidades ribeirinhas, como lógica de sustentabilidade. Estas interações se formam nas trajetórias dos indivíduos, segundo os mesmos reagem aos riscos gerados pelas forças modernizantes em expansão, na região, e vão estabelecendo precisões sobre a identidade coletiva, a lógica do sujeito individual e a lógica da ação social²¹. Assim, aqueles que “ocupam a mesma posição numa relação social participam da mesma identidade coletiva” (BAJOIT, 2006, p. 233), enquanto a lógica do sujeito pressupõe uma “gestão relacional de si [...] o trabalho através do qual cada um transforma as identidades coletivas, nas quais participa, em lógicas de ação” (BAJOIT, 2006, p. 234). Isso ocorre, segundo o autor, porque as condutas não são inteiramente determinadas pelas condições materiais de existência, sendo, em parte, imprevisíveis.

Assim, essas interações, como ação sobre os outros, procedem de três maneiras para realizar seus compromissos identitários: relações de permuta, formas de solidariedade coletiva e compromisso em ações coletivas. E se as interações estabelecidas, ou pronunciadas, permitem reconhecer que os artesãos desenvolveram esses procedimentos na trajetória da cooperativa, é na autoconfrontação das bases da modernização com suas consequências que se explicita um princípio de aprendizado formado e desenvolvido na base de um compromisso identitário: as relações de permuta. Os demais procedimentos decorrem de como essas relações de permuta colocam em negociação o próprio projeto coletivo dos atores.

²¹ Desde a afirmação de Bajoit, de que os compromissos identitários operam por reduções das tensões sociais vividas, de forma a viver melhor com elas e estabelecer precisões sobre a identidade coletiva, a lógica do sujeito individual e a lógica da ação social, pensamos que essas precisões correspondem aos atributos da modernização reflexiva de Beck (1997), sobretudo, na destacada autoconfrontação das bases da modernização com suas consequências, ou os efeitos da sociedade de risco.

|José Rogério Lopes | Anelise Fabiana Paiva Schierholt|

E uma forma de considerar o processo dessa negociação, já destacado em outro estudo (LOPES; MEIRELLES, 2017), é compreender que as relações de permuta que os artesãos estabelecem com outros atores geram zonas de interculturalidade, onde cada um se torna mediador dos demais atores envolvidos.

Com efeito, o caso da Cooperativa Açáí, e sua interação na Rede Justa Trama, evidencia como a articulação de agenciamentos em rede propicia constituir zonas de interculturalidade, na medida em que os diversos atores em interação na rede se posicionam como mediadores dos demais, em lógicas de ação organizada. Nesse sentido, as interações e parcerias estabelecidas pela Cooperativa configuram um

[...] processo de produção de códigos de comunicação cujas articulação interna e ordem hierárquica dependerão das exigências de complexidade de cada momento histórico e das prioridades simbólicas dos sistemas. [...] A partir desse ponto de vista compreende-se a mediação como um processo de comunicação – isto é, construção de situações e textualidades que engendram sentidos compartilhados nas zonas de interculturalidade (MONTERO, 2006, p. 57 e 59).

Recorrendo a Barth (2000), Montero afirma que os processos de articulação de sentidos, como no caso das mediações, são etnograficamente situados e dependem das forças heurísticas que os atores envolvidos dão a suas interações particulares. Por isso, as análises das mediações devem deslocar-se para “[...] as práticas significativas promovidas pelos agentes mediadores que procuram adequar conceitos às experiências e percepções” (MONTERO, 2006, p. 46).

Essa concepção orienta, por exemplo, o processo coletivo de precificação dos artefatos produzidos pelos atores da rede Justa Trama, assim como possibilita aos artesãos da Cooperativa Açáí reconhecer os elos de sustentabilidade que formam com as comunidades ribeirinhas e extrativistas da sua região, na autoconfrontação das bases da modernização com suas consequências. Nesse sentido, os propósitos de ação e a identidade coletiva firmadas pelos artesãos se conformariam com uma concepção fenomenológica de cultura, como aquela destacada por Castro (2012, p. 59), referindo-se à teoria de Alfred Schutz:

A vida cotidiana é vivida pragmaticamente, ou seja, enquanto reflexão de um sujeito portador de uma memória=hábito sobre sua experiência no mundo. Schutz acaba por elaborar uma concepção fenomenológica da cultura. Essa concepção está baseada na compreensão de cultura como um processo de identificação: a cultura não é o simbólico de longa duração, ou a utilização das simbologias sociais como mediadoras do conhecimento do mundo que os indivíduos detêm, os saberes típicos cimentados pela prática social ou a unidade

|José Rogério Lopes | Anelise Fabiana Paiva Schierholt|

do grupo, mas o contexto de sentido no qual essas coisas se dão, sobre o qual atuam *reservas de experiência* e *estruturas de pertinência*.

Este parece ser o sentido buscado pelos artesãos da Cooperativa, quando expressam os propósitos ou as justificativas de suas parcerias, assim como os traços que caracterizam seus ofícios e os bens que produzem, em distinção com outros ofícios e bens, ou produtos, no mercado. Localizados em uma “situação marginal de produção”, mas inseridos em redes locais, nacionais e globais de mercados culturais, nas quais se expõe uma infinidade de artefatos culturais identificados pela defesa da diversidade cultural, os artesãos de Porto Velho evidenciam constantemente a autenticidade dos bens que carregam seu trabalho. Assim, a autenticidade é fabricada junto com cada biojoia, como história vivida (HERZFELD, 2008), e não, uma atribuição a priori, ou originária. As biojoias, ao serem produzidas, tornam-se acessórios rituais de marcação identitária (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006).

Colocados nesses termos, os propósitos expressos pelos artesãos e as biojoias por eles produzidas questionam a tendência de mercado de representar presuntivamente a autenticidade pela marca de uma distância cultural. Suas narrativas questionam como é que se determina essa distância. E aqui, Spooner (2008, p. 283), citando Appadurai, fornece uma pista:

Estabelecemos distinções segundo valores que constatamos no passado, nesse caso no passado da mercadoria, porque [nós industriais urbanos] temos uma necessidade social de ordem e vemos mais ordem no passado, embora na verdade essa ordem tenha de ser constantemente renegociada entre todos aqueles que têm algum interesse nela.

Como um conceito pós-industrial, a autenticidade seria a conceptualização da genuinidade fugidia, mal definida, “culturalmente outra e socialmente ordenada” (SPOONER, 2008, p. 283). E ela seria “uma forma de discriminação cultural projetada sobre objetos”. Mas a autenticidade não é inerente aos objetos, e sim, algo que deriva de nosso interesse por ele a partir do quadro de superabundância de objetos e de categorias de objetos existente na sociedade industrial.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. Mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida das Coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói, RJ: EdUFF, 2008. p. 15-88.

BAJOIT, Guy. **Tudo muda**: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ijuí, RS: Editora Unijuí/Lisboa: CEOS, 2006.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: _____. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000, p. 25-67.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Ed. UNESP, 1997. p. 11-71.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas** - estratégias para entrar y salir de la modernidad. México: Grijalbo, 1990.

CASTRO, Fábio F. A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo-RS, v. 48, n. 1, p. 52-60, jan./abr. 2012.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HERZFELD, Michael. **Intimidade cultural**: poética social no Estado-Nação. Lisboa: Ed 70, 2008.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008. p. 89-121.

LACLAU, Ernesto. Inclusão, exclusão e a construção de identidades. In: AMARAL JR., Aécio; BURITTY, Joanildo A. (Org.). **Inclusão social, identidade e diferença**. Perspectivas pós-estruturalistas de análise social. São Paulo: Annablume, 2006. p. 21-37.

LOPES, José Rogério; MEIRELLES, Mauro. Políticas culturais e ambientais, comunidades e interculturalidade: uma análise das interações entre identidades, ambiente e tecnologias patrimoniais. **Textos e Debates**, Boa Vista, n. 31, p. 55-77, jan./jun. 2017.

MONTERO, Paula. Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural. In: MONTERO, Paula (Org.). **Deus na Aldeia**: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006, p. 31-66.

NERY, Maria Salete S. A decepção de Tinker Bell e a luta das classificações: o artesanato, o Governo Federal e o SEBRAE. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo-RS, v. 50, n. 3, p. 293-302, set./dez. 2014.

PERALTA, Patrícia P. Necessidade de políticas institucionais para a aplicação de Indicações Geográficas como instrumentos de proteção e valorização do Patrimônio Cultural. SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS CULTURAIS, 7., 2016, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016.

|José Rogério Lopes | Anelise Fabiana Paiva Schierholt|

SANTOS, Adalberto S. Patrimônio e memória: da imposição de identidades à potencialização de atos coletivos. In: RUBIM, Antonio Albino C.; ROCHA, Renata (Org.). **Políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 67-88.

SILVA, Rejane Tavares; FERNANDES, Verônica Soares. Guardiãs da biodiversidade: a realidade das quebradeiras de coco babaçu no Piauí. **Ciência & Trópico**, Recife, v. 37, n. 2, p. 129-149, 2013.

SPOONER, Brian. Tecelões e negociantes: a autenticidade de um tapete oriental. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008. p. 247-298.

VAN VELSEN, Jaap. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das sociedades complexas – Métodos**. São Paulo: Global, 1987. p. 345-372.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: os usos da cultura na era global. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.